

**A PRÁTICA  
DA PRESENÇA DE DEUS**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Lourenço, da Ressurreição, Irmão, 1611-1691

A prática da presença de Deus / Irmão Lourenço ; tradução de Gabriel Perissé. – São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Clássicos de espiritualidade)

ISBN 978-85-349-6098-4

Título original: Une vie dans la présence de Dieu

1. Vida cristã - Escritores católicos 2. Meditações I. Título II. Perisse, Gabriel III. Série

26-0783

CDD 242

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Vida cristã - Escritores católicos

IRMÃO LOURENÇO  
DA RESSURREIÇÃO

# A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS

**Tradução**  
Gabriel Perissé



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Une vie dans la présence de Dieu*

**Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

**Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

**Revisão**

Tiago José Risi Leme

Darlei Zanon

André Odashima

Vinicius Nergues

**Design**

Leonardo Cerretti

**Imagem da Capa**

Getty Images

**Impressão e acabamento**

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Teleendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091  
São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)  
ISBN 978-85-349-6098-4

# ÍNDICE

- 7    **PREFÁCIO**
- 11   **CONVERSÇÕES COM O IRMÃO LOURENÇO**
- 25   **MÁXIMAS ESPIRITUAIS**
- 37   **CARTAS**
- 65   **ELOGIO DO IRMÃO LOURENÇO**
- 93   **BIBLIOGRAFIA**



## PREFÁCIO

Irmão Lourenço foi um religioso carmelita francês do século XVII, nome relevante da espiritualidade cristã ocidental, tanto para católicos como para protestantes. Não foi ordenado sacerdote. Professou seus votos com 29 anos de idade, permanecendo como irmão leigo até o fim da vida.

Assim que faleceu, em 1691, uns poucos escritos seus e outros textos, a seu respeito, começaram a circular nos meios católicos. Nunca passou pela cabeça do irmão Lourenço publicar coisa alguma. Era um camponês e ex-militar, não um intelectual como Bossuet ou Fénelon, seus contemporâneos. Também não tinha pretensões de fundar uma ordem religiosa ou criar um movimento de espiritualidade. No entanto, passou a maior parte de sua vida ensinando a quem quisesse escutá-lo a prática da presença de Deus.

Esse, aliás, é o tema central de tudo aquilo que podemos ler nas cartas que escreveu e nas suas *Máximas espirituais*, além dos registros de suas conversas com o abade Joseph de Beaufort, amigo de longa data, que redigiu pelo menos duas breves biografias, nas quais vemos como o irmão Lourenço transformava em oração contínua tudo o que vivia, especialmente as tarefas manuais que exercia no convento, como as de cozinheiro e sapateiro.

Durante os séculos XVIII e XIX, recaiu sobre o irmão Lourenço a suspeita de quietismo, uma forma de misticismo herético que defendia a indiferença e o desprezo por tudo o que não fosse Deus. Segundo os quietistas, não devemos nos preocupar com a busca da salvação, nem nos dedicar à ascese, nem praticar obras de caridade, pois no mundo devemos esperar que Deus tome todas as iniciativas.

Paradoxalmente, à medida que os conselhos espirituais deste místico francês perdiam espaço nos círculos católicos, ganhavam popularidade nos ambientes protestantes. A repercussão dos seus ensinamentos foi e é até hoje grande no mundo anglófono, graças à divulgação promovida por calvinistas, metodistas e evangélicos de um modo geral.

No início do século XX, a ortodoxia daquele humilde carmelita foi reavaliada de modo positivo e, recentemente, em uma entrevista, o papa Leão XIV mencionou seu apreço pelo “*Brother Lawrence*”, afirmando que a coletânea *A prática da presença de Deus* é uma de suas obras de cabeceira, que o ajudou a crescer na vida espiritual. Basta ler algumas de suas páginas para perceber que o autor jamais negou o valor das boas ações e dos exercícios ascéticos. Mais ainda, ele era um homem de ação, de trabalho, e propunha para a época uma espiritualidade muito útil também para o nosso tempo de correrias e ativismo: podemos cultivar a contínua presença amorosa de Deus sem abrir mão de nenhuma de nossas atividades cotidianas.

O fato é que o irmão Lourenço descobriu que o caminho mais curto para viver em Deus e confiar nele de todo coração está em dedicar-se com humildade e constância à busca de um diálogo silencioso com Aquele que se encontra mais perto de nós do que nós próprios. Essa descoberta não é nova, como vemos na vida de tantos santos, mas é sempre uma surpresa ver como uma pessoa percorre esse caminho de modo único. Atribui-se ao irmão Lourenço uma frase que, se não é dele, expressa, no entanto, exatamente o que ele vivia e o que cada um de nós pode viver também: “Eu preparo minha omelete por amor a Deus”.

Nesta edição, reunimos o que há de essencial para compreendermos a espiritualidade do irmão Lourenço. Primeiramente, as anotações que o abade Joseph de Beaufort fez a partir de quatro *Conversações* que teve com o carmelita, quando este já

alcançara a meia-idade. Logo depois, as *Máximas espirituais*, um excelente “roteiro”, concebido pelo próprio irmão Lourenço, para quem almeja uma contemplação profunda e acessível ao mesmo tempo. A seguir, dezesseis *Cartas* que enviou para diferentes pessoas, inclusive a que escreveu alguns dias antes de falecer. E, por fim, uma das biografias que o abade Joseph de Beaufort compôs (*Elogio do irmão Lourenço*) para que o precioso legado daquele religioso, modesto e desconhecido, chegasse até nós com toda a sua beleza e eficácia.

Prof. Dr. Gabriel Perissé  
*Doutor em Teologia e em Filosofia da Educação*



# CONVERSAÇÕES COM O IRMÃO LOURENÇO

## Primeira conversaço

3 de agosto de 1666

Hoje, encontrei o irmão Lourenço pela primeira vez. Ele me contou que, aos dezoito anos, ainda vivendo no mundo, Deus o agraciara de modo especial em sua conversão.

Era um dia de inverno. Ele observava uma árvore despojada de suas folhas, considerando que, pouco tempo depois, novas folhas iriam aparecer, seguidas por flores e frutos. Nesse momento, recebeu uma profunda visão da providência e do poder de Deus, visão que nunca mais se apagou de sua alma.

Essa visão o fez desapegar-se inteiramente do mundo e lhe deu um amor tão grande por Deus que ele não consegue dizer se esse amor poderia ter crescido, passados mais de quarenta anos desde que recebeu tal graça.

No passado, ele havia servido na casa de Guilherme Fieubet, tesoureiro do rei da França, mas era visto como um laçao rústico e desajeitado, que estragava tudo o que lhe caía nas mãos.

Pedi então para entrar na vida religiosa, imaginando que seria castigado pelas confusões e pelos erros que cometeria ali dentro, o que o ajudaria a sacrificar a Deus sua vida e todos os seus prazeres; contudo, Deus o surpreendeu. No convento, só encontrou satisfação, e por isso dizia frequentemente a Deus: “Vós me enganastes”.